

SEM TABU: é hora de *gozar a vida!*

Naturalização do sexo deve ser vista como potencializador do prazer feminino

Muitos mitos, desinformação e tabus permeiam o universo sexual. Inclusive, quais são os que você alimenta sobre o assunto? De acordo com o Censo do Sexo 2022, estudo realizado pela Pantynova com mais de 1,8 mil respondentes de todos os gêneros, orientações sexuais e residentes de todas as regiões do Brasil, 95% das pessoas acreditam que falar sobre sexo impacta positivamente a sociedade.

No entanto, nem sempre foi assim. Por muito tempo e, ainda nos dias atuais, o sexo é associado somente ao prazer masculino e provoca constrangimento. “É preciso refletir sobre o que se entende por sexo e orgasmo. Não se pode esquecer do que a história traz para compreender o quanto a mulher sofre com a repressão do seu prazer e orgasmo”, pondera a sexóloga, Débora Kaefer.

Desde a infância, o comportamento da mulher é baseado em

uma série de expectativas e regras sociais que a privam de tocar-se, sentir-se e conhecer-se. Conforme a pesquisa, isso resulta em consequências negativas para a vida adulta, capazes de afetar a saúde física, emocional e psicológica. A fim de quebrar paradigmas e promover mais conhecimento, é urgente falar sobre a sexualidade feminina de forma aberta e responsável.

Não à toa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve a saúde sexual como “um bem-estar físico, emocional, mental e social”, e defende a prática com segurança, sem discriminação e violência, como direito fundamental. Para a ginecologista e obstetra, Fernanda Castilhos, a mulher precisa olhar para si, assumir a responsabilidade do seu prazer e ir em busca dele. “Ninguém vai lutar pelo nosso prazer se não nós mesmos.” Foi o que a taróloga e reikiã, Tainá Diniz, 34 anos, e a professora de ensino fundamental, Sonia Prado*, 54, fizeram.